



## Hatshepsut, a Mulher Faraó

adaptação: Cynthia Sims



Hatshepsut foi a primeira mulher faraó. Ela reinou durante a 18ª dinastia e é considerada uma dos faraós mais bem sucedidos.

Hatshepsut foi a única criança nascida do rei Tutmés I por sua principal esposa, Ahmose. Após a morte de seu pai, quando ela tinha 12 anos, casou-se com seu meio-irmão Tutmés II e teve uma filha chamada Neferure.

Tutmés II morreu depois de um reinado de 15 anos, tornando Hatshepsut viúva antes dos 30 anos. O trono caiu para Tutmés III, enteado e sobrinho de Hatshepsut. Como Tutmés III era ainda criança, Hatshepsut serviu como regente por três anos até que proclamou a si mesma como Faraó.

Hatshepsut vestiu-se como um rei, usando até uma barba falsa, mas nunca foi sua intenção se fazer passar por homem; em vez disso, ela se referia a si mesma como “falcão feminino”. Ela abandonou seus títulos relativos àqueles que apenas uma mulher podia ter e assumiu os de faraó. Hatshepsut alegou que o deus Amon assumira a forma de seu pai e visitara sua

mãe, e ela mesma era o resultado dessa união divina. Como a autoproclamada filha de Deus, ela justificou seu direito ao trono declarando que Amon-Ra havia dito a ela: “Bem-vinda minha doce filha, minha favorita, o rei do Alto e do Baixo Egito, Maatkare, Hatshepsut. Tu és o rei, tomando posse das Duas Terras.”

Durante seu governo, a economia egípcia floresceu; expandiu as relações comerciais e despachou uma importante expedição marítima para a terra de Punt, na costa africana.

Hatshepsut construiu magníficos templos. Ela renovou o salão de seu pai no Templo de Karnak, erguendo quatro grandes obeliscos, e acrescentou uma capela. Mas sua maior realização foi o templo em Deir el Bahri, um dos mais belos do Egito. Ela o chamou de “o mais sagrado dos lugares sagrados” e o dedicou a Amon, Anubis e Hathor.

Como Rainha, foi uma digna representante da Deusa. Os atuais seguidores das tradições egípcias realizam rituais em honra a Hatshepsut para a cura pessoal, coletiva e global.

# Cedro, o óleo essencial dos egípcios

por Cynthia Sims

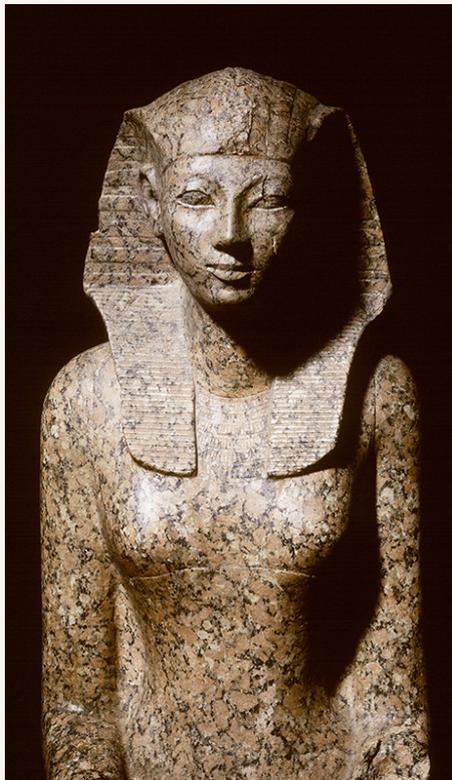
As mais antigas evidências do uso de óleos essenciais vêm do Antigo Egito, onde a madeira de cedro (*Cedrus Atlantica*) era utilizada tanto para a construção de palácios quanto para os sarcófagos e a extração do óleo essencial que iria embalsamar os mortos. A revista científica *Nature*, uma das mais importantes do mundo para os estudos de biologia e química, publicou um artigo dos cientistas da Universidade de Munique que analisaram a presença de moléculas do óleo essencial de cedro em múmias datadas de 1500 a.C.

Os ritos funerários tinham um papel fundamental na cultura egípcia, porque toda a sua cosmogonia é fruto da história de como a Grande Mãe Ísis, Senhora da Magia, ressuscita seu esposo Osíris, o deus da fertilidade, e concebe seu filho solar, Horus. Os complexos ritos funerários de Osíris eram reencontrados todos os anos, em festivais que duravam vários dias, quando as pessoas celebravam o renascimento do deus e honravam seus entes queridos que já haviam partido.

A preparação do corpo de uma pessoa falecida era um processo longo, que levava de dois a três meses, dependendo da disponibilidade financeira da família de custear ritos mais complexos. Em todos os casos, o óleo essencial de cedro era injetado dentro do corpo para drenar os líquidos e completar a dessecação dos tecidos, a fim de que a estrutura corporal pudesse ser mantida intacta e a alma pudesse retornar ao corpo, no outro mundo. Todo esse processo era realizado por sacerdotes em ambientes enfumaçados pela queima de resinas de olíbano e cedro, ao som de cânticos de louvor aos deuses, para criar a atmosfera entre os mundos.

A extração do óleo de cedro atualmente é feita por destilação a vapor, mas no Egito antigo era por um processo mais rústico, obviamente, o que resultava num óleo muito viscoso. Os egípcios aplicavam uma camada de óleo de cedro nos papiros também, para garantir sua durabilidade.

O Cedro Atlas (*Cedrus atlantica*) é uma árvore encontrada nas Montanhas Atlas, uma cordilheira que se estende por 2500km desde o norte do Marrocos até a Tunísia. No Antigo Egito havia, também, outro tipo de cedro, o *Cedrus libanii*, hoje muito difícil de ser encontrado.



O cedro tem um aroma característico, amadeirado e adocicado, muito persistente e largamente utilizado na indústria de perfumes. Para a extração de um quilo do óleo essencial são necessários 30 kg de lascas do tronco. Na Aromaterapia se usa o cedro por suas propriedades antimicrobianas e cicatrizantes. O óleo ativa a circulação sanguínea, combate a retenção de líquidos e as infecções nos sistemas respiratório e genitourinário.

As propriedades mágicas e psicoaromaterápicas do cedro estão relacionadas à purificação da energia vital e à conexão com os guias espirituais. Por ser um aroma "paternal", o cedro fortalece as qualidades protetoras do masculino sagrado presente em cada pessoa.

Diferente das essências aromáticas, que são artificiais, os óleos essenciais são usados em gotas, devido ao seu alto custo e preciosidade. Um frasco de 10ml de óleo de cedro custa cerca de 50 reais (julho de 2018).

*Para os momentos em que você se sentir fragilizada ou desanimada, coloque 3 gotas de óleo de cedro e 2 de óleo de laranja lima num pequeno lenço, ou mesmo no travesseiro, na hora de dormir. Essa mesma fórmula pode ser usada ao longo do dia num colar aromático.*

*Para incentivar um ambiente propício à meditação e às práticas mágicas, coloque num borrifador 10ml de álcool de cereais e 20 gotas de óleo de cedro. Agite levemente para misturar e complete com 50ml de água mineral, destilada ou deionizada.*

# Sacerdotisas no Antigo Egito

por Jakeline Mendes Abreu

A palavra “sacerdotisa” advém do latim *Sacerdos* – o sagrado; e *otis* – representante. Portanto, as “representantes do divino” foram e são mulheres inteiramente conectadas com o Sagrado, atuando como intermédio entre o Infinito e a humanidade.

No Antigo Egito o sacerdócio feminino não era incomum. Recentemente, uma tumba de 4.440 anos foi descoberta próxima à Grande Pirâmide de Giza, no Cairo, e revelou-se pertencente a uma sacerdotisa de Hathor, deusa do amor e da maternidade. Suas bem conservadas e reveladoras paredes de pinturas mostram uma variedade de cenas acerca da rotina no templo e do poderio exercido por essa mulher chamada Hetpet.

Outra relíquia arqueológica, em forma de carta, mostra uma sacerdotisa com título de “Encantadora”, solicitando de forma ríspida a um oficial militar que enviasse suprimentos aos seus operários: “Não deixe que eles se queixem a mim novamente”, é o tom que ela usa, mostrando que mesmo um cargo militar de prestígio ainda deveria se reportar a seu status religioso.

Nos templos das deusas egípcias, as sacerdotisas tinham dentre suas tarefas a produção musical. Eram cantoras, dançarinas e musicistas, que tocavam mais comumente o sistro (uma forma de chocalho), a percussão, a harpa, a flauta, os tambores e os címbalos. Também prestavam serviço ao povo aconselhando, interpretando sonhos e realizando curas e encantamentos. Como principais tarefas presidiam cerimônias, consagravam monumentos, realizavam oferendas aos deuses e instruíam os acólitos do templo com ensinamentos sobre a natureza do divino e o relacionamento com Ele. Prometiam desenvolver suas obrigações sob o correto caminho de Maât, a Ordem Eterna.

Unidas às tarefas religiosas também estavam as obrigações administrativas. As sacerdotisas eram responsáveis pelo território do templo e a agricultura praticada em sua propriedade. Diariamente, eram servidas comidas diversas às estátuas dos deuses, preparadas com os alimentos produzidos no próprio local. As estátuas também eram banhadas e vestidas com minúcia, prezando por um ambiente limpo e, assim, purificado. Acreditava-se que o ka – força vital - das divindades absorvia as oferendas, promovendo a satisfação e bondade com seus súditos.



O Antigo Egito é famoso por sua vasta ritualística pós-vida e também nos funerários era importante a participação feminina. Duas sacerdotisas personificavam o Grande Milhafre e o Pequeno Milhafre, símbolos das deusas Ísis e Néftis, remontando ao mito em que as duas divindades tomavam forma de aves de rapina e sobrevoam o Nilo em busca das partes do corpo de Osíris para mumificá-lo. Sob o título de “Servidoras do Ka”, realizavam os rituais de passagem na capela tumular do defunto.

Acredita-se que poucas sacerdotisas e sacerdotes serviam integralmente nos templos egípcios, ou seja, apenas uma pequena porcentagem deles tinha moradia permanente nesses locais sagrados.

Em grande parte dos casos, o sacerdócio era exercido sazonalmente e em revezamento, por cerca de três a quatro meses ao ano. Desse modo, era possível que houvesse uma vida externa, bem como uma família e um segundo ofício.

No Antigo Egito o sacerdócio feminino era exercido não somente no culto à deusas, mas também deuses. Registros históricos mostram que uma rainha chamada Meresankh ocupou o posto de grã-sacerdotisa de Thoth, deus do conhecimento e da sabedoria.

Existem consideráveis evidências históricas apontando a existência, em Tebas, de uma casta de sacerdotisas intituladas Esposa do Deus de Amon, em egípcio Hemet Netjer, ou Adoradoras Divinas, de notável poder espiritual e régio. Iniciadas nos mistérios de Amon, a quem se uniam em esponsais divinos, sua incumbência era de preservar a harmonia entre os céus e a terra, mantendo a ordem do começo da criação. Não necessitavam fazer votos de castidade e de fato suas herdeiras poderiam assumir seu cargo, embora também fosse comum que adotassem sua sucessora.

A rainha Nefertari, conhecida esposa de Ramsés II e avó de Hatshepsut, foi uma das mulheres que ostentou o título de Adoradora Divina, sendo suas sucessoras ainda mais poderosas. De forma poética, o escritor Christian Jacq narra em sua saga Ramsés o interlúdio em que o faraó conhece e se apaixona por Nefertari enquanto ainda é uma acólita no templo de Mer-Our e como a sacerdotisa se torna a Grande Rainha e Esposa do Deus Amon, ordenando a construção de monumentos aos deuses que permanecem até os dias atuais.

# Lughnassadh ou Lammas, o Festival da Colheita

por Mirella Faur

Seguindo a Roda do Ano europeia, o Sabbat celta Lammas ou o Blot nórdico Erntefest ou Freyfaxi comemoram a colheita, realizada com as bênçãos da terra, das pessoas, dos animais e entregando oferendas para os deuses, em sinal de gratidão. Das primeiras colheitas de grãos (trigo, centeio, cevada, aveia, milho) antigamente assavam-se pães, que eram repartidos com alegria na comunidade. Essa é a origem do nome da celebração: Loaf Mass ou Hlafmass – “a festa do pão”. Celebrado no primeiro dia – ou na Lua cheia – de agosto, era uma celebração de agradecimento pela colheita e pelo pão.

Fazer pão é uma das artes mais antigas que se conhece; restos calcificados de pão, feito com sementes esmagadas, foram descobertos em grutas da Idade da Pedra. A invenção da cerâmica revolucionou a preparação do pão, que foi assumindo enorme variedade de formatos e tipos de preparação, dependendo do lugar e da cultura de origem. Durante milênios, o pão foi a comida essencial e a base da sobrevivência física, tornando-se sinônimo de alimento e símbolo sagrado, ao qual se atribuíam poderes mágicos e curativos.

A sacralidade dos grãos remonta aos primórdios da humanidade, por isso uma festividade muito importante e comum a todos os povos antigos era a festa da colheita, celebrada no Lughnassadh (pronuncia-se Lunasá) ou Lammas, o primeiro dos três festivais celtas da colheita, em homenagem ao deus solar Lugh. Consorte da deusa da terra Danu, Lugh “morria” no momento da colheita dos grãos e era “enterrado”, no plantio das sementes, para poder renascer nas próximas colheitas.

No mundo antigo, havia outras celebrações da colheita, como a Cereália, em Roma, dedicada à deusa dos grãos Ceres; a “Dança do Milho”, dos nativos norte-americanos; comemorações para a deusa Ísis, no Egito e para os deuses: Dagon, na Fenícia; Dumuzi, na Suméria; Attis, na Anatólia; Tammuz, na Assíria, Llew Llaw Gyffes, na Irlanda; Netuno, em Roma, e Thoth, no Egito. Cada um desses deuses morria e renascia, havendo sempre uma mãe ou consorte para pranteá-lo, apesar de ela ser, às vezes, a causadora de sua morte. Nos mitos, é evidente o tema do casamento do Deus e da Deusa e seu sacrifício posterior, simbolizado na morte da natureza e na colheita dos grãos.

Lammas era o nome anglo-saxão deste Sabbat, que significava “A Missa do Pão”, representando o mito do “Rei dos Grãos” que morre com eles para alimentar e preservar a vida. Na Roda do Ano, Lammas se opõe a Imbolc, representando a Deusa como



Mãe dos Cereais. Nos países celtas e eslavos, das últimas espigas de trigo ou milho, confeccionavam-se as figuras das “Mães dos Grãos” ou Corn Mothers, em cujas efígies acreditavam que permanecia a essência da Deusa, as bonecas sendo guardadas para serem enterradas ritualisticamente nos plantios da próxima primavera, para garantir a fertilidade da terra e a abundância das novas colheitas.

As deusas relacionadas a este Sabbat são as Senhoras dos cereais, dos animais e da abundância, como Abundita, Ártemis, Bast, Bau, Braciaca, Ceres, Chicomecoatl, Danu, Deméter, Epona, Gaia, Habondia, Mawu, Odudua, Pales, Spes, Surabhi Reia, Taitlu, Tonantzin, “A Mãe do Milho”, “A Mulher que Muda” e “A Mulher Amarela”, entre outras.

Fazem-se oferendas de grãos para a fogueira – simbolizando o Sol – e para a Mãe Terra, grãos de milho, sementes de girassol ou pedacinhos de casca de laranja, mentalizando os resultados de sua colheita ou as promessas do próximo plantio.

O tema para meditação é a avaliação realista da colheita pessoal, contando os sucessos e os fracassos. Avalie também tudo aquilo que você deveria abrir mão ou rejeitar, limpando assim, a terra e guardando novas sementes para novos plantios.

**Em Lammas, a Colheita, celebra-se a Deusa, a plenitude da terra, a invenção da agricultura pelas mulheres e todas as realizações da primeira metade do ano.**

*Mirella Faur*

## Próximos rituais

**13 de agosto** (segunda-feira)

Noite de Hécate  
Só para mulheres  
Com Mirella Faur

**26 de agosto** (domingo)

Plenilúnio: Celebração da Deusa Ilmatar  
Só para mulheres

## Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

### Expediente

Edição: Andrea Boni  
Diagramação: Cynthia Sims  
Textos: Mirella Faur, Cynthia Sims, Jakeline Mendes Abreu  
Imagens: Internet  
Informações:  
www.teiadethea.org  
(61) 98233-7949  
teiadethea@teiadethea.org  
deusaviva@teiadethea.org